

XVI ENCONTRO NACIONAL DE SIOT

Futuros do Trabalho: Políticas, Estratégias e Prospetiva

27 e 28 de Novembro de 2015 :: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas-Universidade Nova de Lisboa
Tema 2) Mercados (Trans)nacionais de Emprego

O desemprego dos licenciados e dos diplomados de 1º ciclo superior na Madeira (2006-2014)

Ricardo Fabrício Rodrigues
rf@uma.pt

Universidade da Madeira & SOCIUS/ISEG/Universidade de Lisboa

Resumo

A crise financeira internacional de 2008 e a intervenção externa de 2011 em Portugal produziram impactos múltiplos e significativos. As transformações no mercado de emprego representam uma das consequências da crise financeira e da intervenção externa, sendo possível descortinar várias repercussões, em grupos sociais e em regiões geográficas concretas, como é o caso da situação de desemprego dos licenciados ou diplomados de 1º ciclo superior na Madeira (2006-2014). Esta comunicação reconstrói (e quantifica) o trajeto do desemprego dos licenciados e dos diplomados de 1º ciclo superior na Madeira, com base num esforço de recolha, sistematização e leitura dos dados oficiais mensais (da autoridade de emprego da Madeira), a partir do qual foi possível estabelecer uma perspetiva cronológica e crítica do fenómeno em apreço. A exploração do comportamento observado, distinto entre os vários níveis de escolaridade dos desempregados, permitiu inferir a existência de dinâmicas nem sempre convergentes, mas também alimentar a reflexão sobre o papel das políticas de emprego em (pequenos) mercados regionais de emprego, por vezes, altamente dependentes da oferta dos denominados “empregos públicos”, nomeadamente, para os diplomados em áreas disciplinares tradicionalmente ligadas à atuação empregadora do Estado.

Palavras chave: Desemprego, escolaridade, licenciados, diplomados, Madeira.

1 – Desemprego dos licenciados na Madeira: um prólogo

O (des)emprego e o mercado de trabalho em Portugal estiveram sujeitos a transformações, no decorrer dos últimos nove anos (2006-2014), que são articuláveis com um conjunto de processos sociais globais, frequentemente, associados à vigência de uma modernidade líquida (Bauman, 2001). Trata-se de um contexto propício a reprodução de relações socioeconómicas orientadas por desígnios utilitaristas, focados em ganhos elevados a curto prazo, mas igualmente facilitadores da afirmação de fenómenos repletos de ambivalências e de paradoxos (Bauman, 1997), frequentemente, relacionáveis com a ordem capitalista contemporânea (Sennet, 2006; Luttwak, 2000; Plihon, 2003; Beck, 2002; Boltanski & Chiapello, 1999).

Na verdade, os últimos nove anos (2006-2014) formam um período inscrito num tempo histórico em que prosseguiu a generalização dos riscos (Beck, 2003), a supremacia das lógicas de curto prazo (Sennet, 2000), mas também a afirmação da mercadorização do risco e a desnormalização do trabalho (Beck, 2002 & 2003; Sallaz, 2013). A par da crescente empresarialização da

sociedade e das suas instituições (Rodrigues, 2011), trata-se de um tempo favorável à reformulação dos parâmetros trabalho-economia-sociedade (Sallaz, 2013).

Assim, assemelhar-se-á a uma tarefa potencialmente absurda pretender abordar as transformações dos últimos anos no emprego e no mercado de trabalho português (Rodrigues, 2014), sem ter em consideração o impacto de algumas condicionantes exógenas, inseparáveis dos excessos imputáveis à financeirização. As implicações em cascata da crise financeira internacional de 2008 ou a intervenção externa a que Portugal se submeteu a partir de 2011 são dois exemplos das condicionantes que se fizeram sentir. Foi sob os auspícios de condicionantes concretas que ocorreu a diminuição da população empregada total e o aumento da população empregada apenas em regime de tempo parcial, acompanhada do aumento do subemprego e de outros fenómenos, alguns deles bem localizados, como foi o caso do aumento da população empregada com níveis de escolaridade mais elevados, mas que na sua esteira deixou várias inquietações, nomeadamente, sobre a amplitude do desemprego estrutural.

Nos mercados de emprego internos, sobretudo nos de pequena dimensão, insulares ou ultraperiféricos, como o da Madeira, as transformações no emprego foram severas e coincidiram com a consolidação de formatos de emprego mais instáveis, entendidos como expressões de maior fragilidade, temporalidade contratual, vulnerabilidade ou precaridade nos laços laborais (Rodrigues, 2015). Se no decorrer dos últimos anos (na Madeira) a população ativa aumentou e a população empregada passou a exibir níveis de escolaridade mais avançados, convém não descurar como o desemprego total permaneceu elevado, particularmente entre os jovens¹, com estes a corporizarem um fenómeno perturbante de erosão etária e geracional da população total e ativa, com a análise ao desemprego dos licenciados e dos diplomados de 1º ciclo superior² (2006-2014) a deparar-se com os múltiplos traços da modernidade –que se instalou e consolidou– líquida, ambivalente e paradoxal.

O desemprego dos licenciados e dos diplomados de 1º ciclo superior na Madeira corresponde a um tema que suscita várias inquietações, nomeadamente, relacionadas com as possibilidades futuras de emprego, é certo, mas igualmente também sobre outras questões mais profundas, que

¹ Segundo o Eurostat a taxa de desemprego jovem na Madeira foi de 50,5% em 2014.

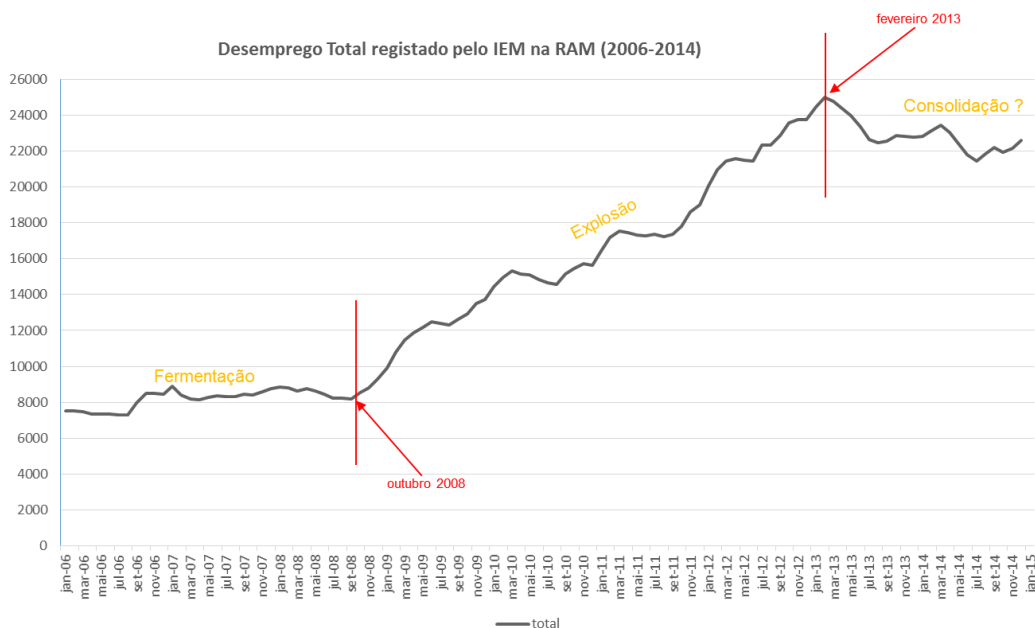
² Ao longo deste texto entender-se-á o “desemprego diplomado” como uma expressão sinónimo do desemprego dos licenciados e dos diplomados de 1º ciclo superior na Madeira.

remetem para os obstáculos à mobilidade social fundada na escolaridade, sobretudo, numa região insular com um mercado de emprego pequeno, frágil e ultraperiférico.

2 - A dinâmica do desemprego

Apesar de terem vindo a crescer desde o início do Séc. XXI, os números do desemprego na Madeira só ganharam proporções mais expressivas a partir de outubro de 2008, quando teve início uma fase explosiva do fenómeno, que viria a persistir ao longo de mais de quatro anos, até fevereiro de 2013 (Figura 1), altura em que ocorreu uma quebra na tendência, com o número de desempregados a estabilizar (embora em alta).

Figura 1



O registo dos números do desemprego da responsabilidade da autoridade regional de emprego³, durante o denominado período explosivo (outubro 2008-fevereiro 2013), mostra uma progressão que a montante (outubro de 2008) contava com cerca de 8.000 desempregados e a jusante com mais de 24.000 desempregados, ou seja, a cifra de fevereiro de 2013 estava distante dos 8.464 desempregados registados no final de dezembro de 2006 (Quadro 1) e ainda mais distante dos 4.000 desempregados registados em janeiro de 2002.

³ IEM – Instituto de Emprego da Madeira.

Na verdade, a progressão observada acaba por demonstrar como se processou a degradação do mercado de emprego da Madeira, que até determinado momento foi um fenómeno subtil e gradual, mas que a partir de 2009 ganhou outra dinâmica e passou a exhibir crescimentos anuais bem mais evidentes e repentinos.

Quadro 1

Desemprego registrado no IEM																				
Desemprego registrado	Dezembro 2006		Dezembro 2007		Dezembro 2008		Dezembro 2009		Dezembro 2010		Dezembro 2011		Dezembro 2012		Dezembro 2013		Dezembro 2014		Dif. 2014-2006	Var. % 2014-2006
Total	8.464		8.773		9.302		13.718		15.648		19.016		23.741		22.758		22.603		14.139	167,0%
H	4.111	48,6%	4.505	51,4%	5.235	56,3%	7.979	58,2%	8.982	57,4%	10.703	56,3%	13.645	57,5%	12.923	56,8%	12.462	55,1%	8.351	203,1%
M	4.353	51,4%	4.268	48,6%	4.067	43,7%	5.739	41,8%	6.666	42,6%	8.313	43,7%	10.096	42,5%	9.835	43,2%	10.141	44,9%	5.788	133,0%
Grupos etários																				
<25 anos	1.640	19,4%	1.584	18,1%	1.654	17,8%	2.309	16,8%	2.620	16,7%	3.170	16,7%	3.511	14,8%	3.165	13,9%	3.029	13,4%	1.389	84,7%
>=25 anos	6.824	80,6%	7.189	81,9%	7.648	82,2%	11.409	83,2%	13.028	83,3%	15.846	83,3%	20.230	85,2%	19.593	86,1%	19.574	86,6%	12.750	186,8%
H<25 anos	641	7,6%	665	7,6%	780	8,4%	1.141	8,3%	1.312	8,4%	1.517	8,0%	1.743	7,3%	1.586	7,0%	1.517	6,7%	876	136,7%
H<=25 anos	3.470	41,0%	3.840	43,8%	4.455	47,9%	6.838	49,8%	7.670	49,0%	9.186	48,3%	11.902	50,1%	11.337	49,8%	10.945	48,4%	7.475	215,4%
M<25 anos	999	11,8%	919	10,5%	874	9,4%	1.168	8,5%	1.308	8,4%	1.653	8,7%	1.768	7,4%	1.579	6,9%	1.512	6,7%	513	51,4%
M<=25 anos	3.354	39,6%	3.349	38,2%	3.193	34,3%	4.571	33,3%	5.358	34,2%	6.660	35,0%	8.328	35,1%	8.256	36,3%	8.629	38,2%	5.275	157,3%
Nível de instrução																				
<1º Ciclo	564	6,7%	557	6,3%	611	6,6%	890	6,5%	1.028	6,6%	1.182	6,2%	1.452	6,1%	1.378	6,1%	1.449	6,4%	885	156,9%
1º ciclo	2.712	32,0%	2.784	31,7%	3.017	32,4%	4.311	31,4%	4.747	30,3%	5.332	28,0%	6.385	26,9%	6.025	26,5%	5.956	26,4%	3.244	119,6%
2º Ciclo	1.787	21,1%	1.885	21,5%	1.918	20,6%	3.113	22,7%	3.476	22,2%	4.220	22,2%	5.211	21,9%	4.920	21,6%	4.548	20,1%	2.761	154,5%
3º Ciclo	1.323	15,6%	1.317	15,0%	1.382	14,9%	2.165	15,8%	2.369	15,1%	3.038	16,0%	3.836	16,2%	3.674	16,1%	3.517	15,6%	2.194	165,8%
Secundário	1.542	18,2%	1.603	18,3%	1.699	18,3%	2.420	17,6%	2.941	18,8%	3.767	19,8%	4.716	19,9%	4.697	20,6%	4.891	21,6%	3.349	217,2%
Ensino Médio	47	0,6%	50	0,6%	39	0,4%	70	0,5%	67	0,4%										
Ensino Superior	489	5,8%	577	6,6%	636	6,8%	749	5,5%	1.020	6,5%	1.477	7,8%	2.141	9,0%	2.064	9,1%	2.242	9,9%	1.753	358,5%
Situação perante o Emprego																				
Primeiro emprego	674	8,0%	849	9,7%	778	8,4%	1.053	7,7%	1.455	9,3%	1.810	9,5%	2.392	10,1%	2.417	10,6%	2.588	11,4%	1.914	284,0%
Novo Emprego	7.790	92,0%	7.924	90,3%	8.524	91,6%	12.665	92,3%	14.193	90,7%	17.206	90,5%	21.349	89,9%	20.341	89,4%	20.015	88,6%	12.225	156,9%
Duração do Desemprego																				
CD	5.747	67,9%	5.856	66,8%	6.450	69,3%	9.091	66,3%	8.849	56,6%	10.365	54,5%	12.170	51,3%	10.190	44,8%	10.292	45,5%	4.545	79,1%
LD	2.717	32,1%	2.917	33,2%	2.825	30,4%	4.627	33,7%	6.799	43,4%	8.651	45,5%	11.571	48,7%	12.568	55,2%	12.311	54,5%	9.594	353,1%
Desemprego por setor de atividade																				
Total	7.790	100,0%	7.924	100,0%	8.524	100,0%	12.665	100,0%	14.193	100,0%	17.206	100,0%	21.349	100,0%	20.341	100,0%	20.015	100,0%	12.225	156,9%
Agricultura, Pecuária, Caça, Silvicultura e Pesca	249	3,2%	320	4,0%	337	4,0%	409	3,2%	501	3,5%	578	3,4%	604	2,8%	619	3,0%	620	3,1%	371	149,0%
Indústria, Energia e Água e Construção	2.295	29,5%	2.396	30,2%	2.895	34,0%	4.510	35,6%	4.901	34,5%	5.695	33,1%	7.352	34,4%	6.796	33,4%	6.005	30,0%	3.710	161,7%
Serviços	5.246	67,3%	5.208	65,7%	5.292	62,1%	7.746	61,2%	8.791	61,9%	10.933	63,5%	13.393	62,7%	12.926	63,5%	13.390	66,9%	8.144	155,2%

Fonte: Boletim Mensal do IEM - Dezembro de 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013 e 2014

Dados adaptados por Ricardo Fabrício Rodrigues (02/11/2015)

A existência de uma idade de ouro no mercado de emprego da Madeira terá durado até ao início do Novo Milénio, após o qual teve início um processo de fermentação do desemprego (até 2008), seguido de explosão (de 2009 em diante), sendo possível realçar a coincidência temporal destes momentos marcantes com o início da crise financeira de 2008, a intervenção externa no país (2011) e, por último, a aplicação do Programa de Ajustamento Económico na Região Autónoma da Madeira (2012)⁴.

Os dados indicam que só a partir do primeiro trimestre de 2013 o desemprego deixou de aumentar, mas as oscilações que tem vindo a denotar deste então, ainda estão longe de significar a confirmação de uma tendência de diminuição considerável. Em outubro de 2015, momento que extravasa o período em análise (2006-2014), o desemprego mantinha-se elevado, com os registos a darem conta da existência de 21.673 desempregados inscritos no IEM⁵. Longe de constituir uma diminuição robusta, em nosso entender, o contexto atual revela, sobretudo, a consolidação do fenómeno impactante, instalado em valores elevados, longe de decrescer a um ritmo equivalente ao ritmo com que cresceu. Por esta razão, com base na dinâmica do desemprego na Madeira, pode-se perspetivar a prevalência de um desemprego elevado durante os próximos anos.

Deste modo, com base na leitura dos dados do desemprego, é admissível falar na existência de um aumento severo (+167%) no desemprego registado no período (2006-2014), embora este tenha as suas particularidades, desde logo presentes na forma diferenciada como se desenrolou em termos de género, nomeadamente, ao crescer mais entre os homens (203,1%) do que entre as mulheres (133%).

⁴ Disponível em http://srpf.govmadeira.pt/media/Conteudos/Plano_Ajustamento_Economico_Financeiro/programa_ajustamento_economico_financeiro_RAM.pdf

⁵ Valores equivalentes aos registados em maio de 2012.

Figura 2



Contudo, atendendo ao facto deste texto estar orientado para a compreensão da situação dos licenciados e dos diplomados de 1º ciclo superior na Madeira, importará dar conta de uma outra realidade que resulta do exercício de caracterização dos desempregados em termos de escolaridade, visto que as relações estabelecidas entre os diferentes níveis de escolaridade e a formação da população ativa⁶, empregada⁷ e desempregada⁸ (Figura 2) são parte fundamental do nosso exercício.

No período considerado (Quadro 1), o subconjunto de desempregados que mais cresceu (358,5%) foi o subconjunto formado pelos desempregados com um nível de instrução superior. Em termos absolutos, o subconjunto que mais cresceu foi o subconjunto formado pelos detentores de escolaridade ao nível do secundário (+3.349 indivíduos), tendo sido imediatamente seguido pelo subconjunto constituído pelos detentores de escolaridade ao nível de 1º ciclo básico (+3.244 indivíduos).

Porém, apesar da expressividade decorrente de um aumento de 358,5% (entre os titulares de nível de instrução superior), convém realçar que estamos a tratar de uma realidade que exige relativização na leitura, uma vez que o aumento absoluto que está implícito em tal percentagem é referente a um crescimento de 489 desempregados com escolaridade superior (em 2006) para 2.242 desempregados (com escolaridade superior) em 2014, enquanto no caso dos

⁶ Conjunto de indivíduos com idade mínima de 15 anos que, no período de referência, constituíam a mão-de-obra disponível para a produção de bens e serviços que entram no circuito económico (empregados e desempregados).

⁷ Constituída pelo conjunto dos indivíduos com idade mínima de 15 anos que, no período de referência, se encontravam numa das seguintes situações: a) tinham efetuado trabalho de pelo menos uma hora, mediante pagamento de uma remuneração ou com vista a um benefício ou ganho familiar em dinheiro ou em géneros; b) tinham um emprego, não estavam ao serviço, mas tinham uma ligação formal com o seu emprego; c) tinham uma empresa, mas não estavam temporariamente ao trabalho por uma razão específica; d) estavam em situação de pré-reforma, mas encontravam-se a trabalhar no período de referência.

⁸ Compreende todos os indivíduos que, na semana de referência, não tinham qualquer trabalho, estavam disponíveis para trabalhar e fizeram diligências ativas nos últimos 30 dias para encontrar um emprego remunerado ou não.

desempregados detentores de um nível de escolaridade igual ou inferior ao 3º ciclo básico o crescimento foi de 6.386 desempregados (em 2006) para 15.470 desempregados (2014).

Todavia, à luz destes dados, mantém-se intacta a exequibilidade de uma hipótese genérica, que se estabelece na relação existente entre nível de escolaridade e crescimento do desemprego (por níveis de escolaridade) no período de 2006 a 2014 na Madeira, com correspondência na seguinte formulação: quanto maior o nível de escolaridade, maior foi o crescimento do desemprego.

3 – A dinâmica da população ativa e da população empregada

A situação dos licenciados e dos diplomados (de 1º ciclo superior) na Madeira tem correspondência num quadro social repleto de ambivalências e de paradoxos. Se a tendência observada na trajetória do desemprego torna evidente a validade da hipótese “quanto maior o nível de escolaridade, maior o crescimento do desemprego”, a estruturação da população ativa (Quadro 2) e da população empregada (quadro 3) suscita outras leituras.

Entre 2006 e 2014 a população ativa na Madeira cresceu (+2,0%), integrando crescimentos diferenciados conforme o género. A população ativa feminina cresceu (9,7%) e a população ativa masculina diminuiu (-4,7%), com a situação a traduzir o incremento da paridade em termos de género na população ativa. Simultaneamente, durante o período analisado, foram notórias algumas movimentações em termos dos grupos etários da população ativa. Observaram-se reduções de população ativa nos grupos etários “<25 anos” (-40,4%) e “25-34 anos” (-21,0%), mas registram-se aumentos nos grupos etários “35-44 anos” (+8,6%), “45-64 anos” (+32,5%) e “65+ anos” (+22,5%). Porém, se a população ativa aumentou, não foi à conta do grupo etário “<35 anos” que em 2014 tinha encolhido mais de um quarto (-26,8%), face ao tamanho que detinha em 2006, enquanto o grupo etário “>44 anos” aumentou quase um terço (+31,4%), tendo por referência a dimensão que tinha em 2006.

Em termos de escolaridade ocorreu um aumento da população ativa com nível de escolaridade superior (+69,0%), secundário e pós-secundário (+60,2%), que foi acompanhada de uma redução (-17,4%) na população ativa com escolaridade igual ou inferior ao 3º ciclo básico. Face a um desemprego aparentemente mais castigador para os níveis de escolaridade mais avançados, assistiu-se à melhoria do nível de escolaridade da população ativa, pautada por variações que atestam o aumento da população ativa com nível de escolaridade superior e pós-secundário (de

23,8% em 2006 para 38,3% em 2014). A população ativa com nível superior de escolaridade cresceu (de 10,7% em 2006 para 17,8% em 2014) e a população ativa com nível de escolaridade igual ou inferior ao 3º ciclo básico diminuiu (de 76,2% em 2006 para 61,7% em 2014).

No que concerne ao comportamento da população empregada, para além da sua diminuição em termos absolutos (-8,5%), bastante ancorada na perda de população empregada do género masculino (-16,1%), observou-se uma contração muito acentuada da população empregada do grupo etário “<25 anos” (-66,8%) e “25-34 anos” (-32,2%), que se fez acompanhar do aumento de população empregada nos grupos etários “35-44 anos”, “45-64 anos” e “65+” (+0,1%, +24,0% e +22,5%, respetivamente).

Contudo, a ambivalência e o paradoxo tornam-se novamente evidentes no decorrer desta análise, sobretudo, quando constatamos que a população empregada com nível de escolaridade igual ou inferior ao 3º ciclo básico diminuiu (-27,1%) e a população empregada com nível de escolaridade secundário e pós-secundário (+41,2%) e superior (+63,4%) aumentou.

Em sentido oposto à hipótese genérica (anteriormente enunciada) e que se estabeleceu com base na relação existente entre nível de escolaridade e crescimento do desemprego por níveis de escolaridade, perante a estrutura da população empregada, importa agora admitir uma segunda hipótese genérica, inversa ao sentido da primeira, de acordo com a qual somos levados a sustentar a seguinte formulação: quanto maior o nível de escolaridade, maior o crescimento da população ativa e da população empregada.

No entanto, perante a validade parcial de hipóteses aparentemente opostas, outras dúvidas emergem. Quando os dados admitem que a população com mais escolaridade cresceu tanto na população desempregada como na população empregada, importa esclarecer quem foi mais afetado pela situação de desemprego e quem absorveu os empregos criados no período. A este propósito tenhamos presente as seguintes variações: a população empregada com nível de escolaridade secundário e pós-secundário aumentou (de 23,7% em 2006 para 39,2% em 2014), bem como a população empregada com nível de escolaridade superior (de 10,8% em 2006 para 19,2% em 2014). Em suma, estas transformações implicaram a diminuição da população empregada com nível de escolaridade igual ou inferior ao 3º ciclo básico (de 76,3% em 2006 para 60,8% em 2014).

Quadro 2

População ativa da RAM por gênero, grupo etário e nível de escolaridade completo												
População ativa		2006	2007	2008	2009	2010	2011*	2012*	2013*	2014*	Dif. 2014-2006	Var. % 2014-2006
Gênero	Total RAM	128.858	130.870	133.147	135.410	137.585	136.426	134.688	132.774	131.412	2.554	2,0%
	Masculino	69.400	69.313	70.437	70.103	71.215	69.812	68.846	67.474	66.166	-3.234	-4,7%
Grupo etário	Feminino	59.459	61.557	62.709	65.307	66.370	66.614	65.841	65.300	65.246	5.788	9,7%
	<25	15.332	14.403	13.764	12.065	11.206	11.766	10.965	10.605	9.139	-6.193	-40,4%
	25 - 34	36.170	36.517	35.944	36.518	35.603	34.868	32.806	29.998	28.578	-7.592	-21,0%
	35 - 44	34.895	36.475	36.692	36.474	37.966	38.769	38.307	37.479	37.895	3.000	8,6%
	45 - 64	37.821	38.773	41.657	44.317	46.279	46.165	46.474	48.872	50.117	12.296	32,5%
	65 +	4.641	4.704	5.090	6.036	6.530	4.859	6.136	5.821	5.683	1.043	22,5%
	<35	51.502	50.919	49.707	48.583	46.809	46.633	43.771	40.603	37.717	-13.785	-26,8%
	<45	86.397	87.395	86.399	85.057	84.776	85.402	82.078	78.081	75.612	-10.785	-12,5%
>44	42.461	43.476	46.747	50.353	52.809	51.023	52.610	54.693	55.800	13.339	31,4%	
Nível de escolaridade completo	Até ao básico - 3º ciclo	98.206	96.801	95.989	96.291	97.244	91.688	87.752	83.808	81.095	-17.111	-17,4%
	Secundário e pós-secundário	16.845	18.191	20.446	21.128	21.712	24.272	25.218	25.607	26.978	10.133	60,2%
	Superior	13.807	15.878	16.712	17.991	18.628	20.465	21.719	23.360	23.339	9.532	69,0%

* Valores médios = $[(1T+2T+3T+4T)/4]$

Fonte: INE/DRE, Estatísticas do Emprego e PORDATA.

Nota: Valores calibrados tendo por referência as estimativas independentes da população calculadas a partir dos resultados definitivos dos Censos 2011.

Dados adaptados por Ricardo Fabrício Rodrigues (02/11/2015)

Quadro 3

População empregada da RAM por género, grupo etário e nível de escolaridade completo												
População Empregada		2006	2007	2008	2009	2010	2011*	2012*	2013*	2014*	Dif. 2014-2006	Var. % 2014-2006
Género	Total RAM	121.984	122.008	125.225	125.268	127.455	117.945	111.488	108.805	111.653	-10.331	-8,5%
	Masculino	66.240	64.771	66.450	63.903	65.170	59.294	55.415	54.366	55.590	-10.650	-16,1%
	Feminino	55.743	57.238	58.775	61.364	62.285	58.652	56.074	54.439	56.063	320	0,6%
Grupo etário	<25	13.633	11.987	11.681	9.643	9.199	7.135	5.464	5.108	4.525	-9.108	-66,8%
	25 - 34	33.806	33.887	33.226	33.053	32.212	29.646	25.635	22.544	22.707	-11.099	-32,8%
	35 - 44	33.259	34.045	35.015	34.575	35.635	34.286	32.589	31.772	33.297	38	0,1%
	45 - 64	36.644	37.387	40.214	41.993	43.878	42.047	41.701	43.559	45.441	8.797	24,0%
	65 +	4.640	4.703	5.090	6.003	6.530	4.831	6.100	5.821	5.683	1.043	22,5%
	<35	47.439	45.874	44.907	42.696	41.411	36.781	31.098	27.652	27.232	-20.207	-42,6%
	<45	80.698	79.919	79.922	77.271	77.046	71.067	63.687	59.424	60.529	-20.169	-25,0%
	>44	41.284	42.090	45.304	47.996	50.408	46.878	47.801	49.381	51.124	9.840	23,8%
Nível de escolaridade completo	Até ao básico - 3º ciclo	93.019	89.921	89.878	88.159	89.889	77.492	71.189	67.526	67.833	-25.186	-27,1%
	Secundário e pós-secundário	15.822	17.212	19.384	19.730	20.011	21.425	20.838	20.164	22.344	6.522	41,2%
	Superior	13.143	14.876	15.964	17.379	17.555	19.029	19.461	21.115	21.476	8.333	63,4%

* Valores médios = $((T+2T+3T+4T)/4)$

Fonte: INE/DRE, Estatísticas do Emprego e PORDATA.

Nota: Valores calibrados tendo por referência as estimativas independentes da população calculadas a partir dos resultados definitivos dos Censos 2011.

Dados adaptados por Ricardo Fabrício Rodrigues (02/11/2015)

4 - A situação dos licenciados e dos diplomados de 1º ciclo superior na Madeira

Num contexto de crescimento do desemprego a situação dos licenciados e dos diplomados de 1º ciclo superior na Madeira agravou-se (Figura 3 e 4), sendo hoje possível compreender como correspondeu a uma situação muito específica, diríamos, semelhante a um autêntico enclave, por um lado, embutido numa população ativa que melhorou os seus níveis de escolaridade e que apenas permitiu o aumento localizado da população empregada, por outro, flanqueado pela diminuição do número de ativos empregados com um nível de escolaridade igual ou inferior ao 3º ciclo do ensino básico (-27,1%).

Figura 3

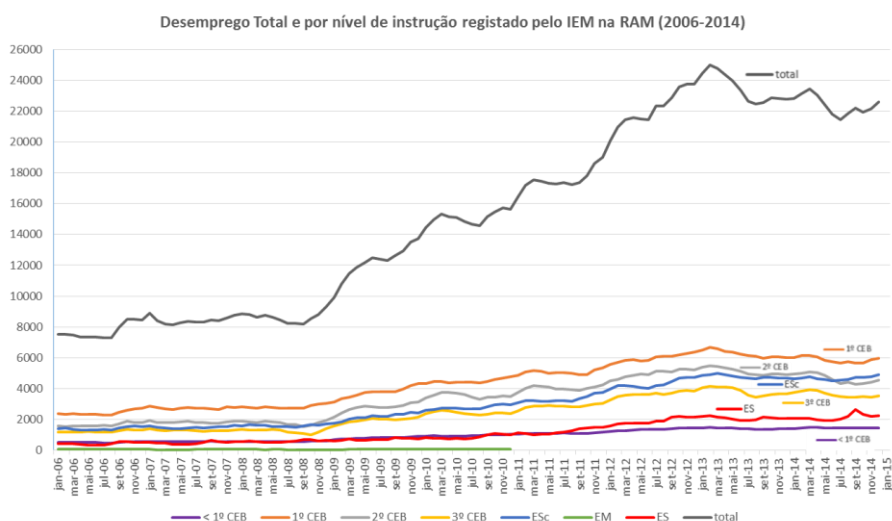
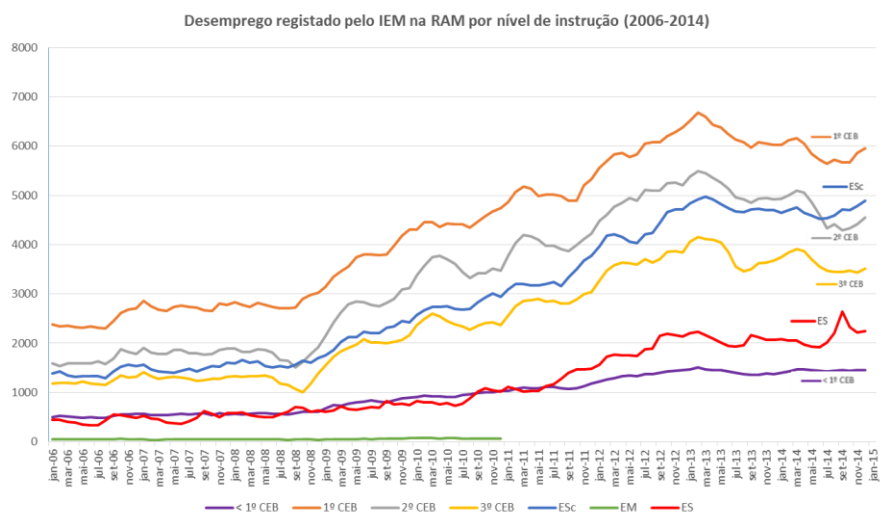


Figura 4



Contudo, torna-se inevitável questionar a morfologia deste enclave e se as transformações operadas significaram uma melhoria objetiva dos empregos existentes ou criados para os licenciados e diplomados de 1º ciclo (superior), ou se coincidiram, sobretudo, com o melhoramento do nível de competências nos postos de trabalho. Seja como for, independentemente das respostas equacionáveis, esta dúvida não invalida que se identifique a população empregada com um nível de escolaridade superior como sendo a população empregada que mais cresceu no período analisado; e essa evidência encerra em si parte do sentido da transformação operada, ou seja, a formação de uma população empregada retraída, mas mais escolarizada, que rechaçou ativos com um nível de escolaridade igual ou inferior ao 3º ciclo básico e integrou um maior número de ativos com um nível de escolaridade superior.

Quadro 4

Desemprego Registrado IEM	out 2014	
Nenhum nível de instrução	1.446	6,6%
1º Ciclo	5.676	25,9%
2º Ciclo	4.328	19,7%
3º Ciclo	3.468	15,8%
Secundário	4.704	21,4%
Superior	2.330	10,6%
total	21.952	100,0%

Foi neste cenário de ambivalência e de paradoxalidade que decorreu a situação dos licenciados e diplomados de 1º ciclo superior na Madeira. Na verdade, fizeram parte de um subgrupo da população ativa com escolaridade de nível superior, que significava 10,6% do desemprego registado em outubro de 2014 (Quadro 4)⁹ e que integrava uma taxa de desemprego para os titulares de diploma de 1º ciclo superior/licenciatura de 8,7%, mas que cuja participação na formação do desemprego total oscilou entre 5,7% e 8,7% ao longo do período compreendido entre 2006 e 2014 (Quadro 5), embora tenhamos que destacar o papel dos fenómenos migratórios, fortemente indiciados nas variações observadas na estratificação da população ativa, sem os quais, a situação dos licenciados e dos diplomados de 1º ciclo superior na Madeira seria outra.

⁹ A opção pela utilização do mês de outubro para fazer recolha deve-se ao facto de corresponder a um momento do ano em que o efeito dos diplomas atribuídos no último ano letivo (que termina em setembro por causa da época especial) estão melhor refletidos nos dados do desemprego e por ser também um momento do ano em que o efeito tradicional dos meses de verão no número de desempregados estará dissipado.

Quadro 5

	Out 06	Out 07	Out 08	Out 09	Out 10	Out 11	Out 12	Out 13	Out 14
Desempregados (1)	8.511	8.395	8.530	12.923	15.479	17.831	23.582	22.848	21.952
Desempregados com diploma (2)	603	559	685	743	1.032	1.307	1.895	1.788	1.913
(2)/(1)	7,1%	6,7%	8,0%	5,7%	6,7%	7,3%	8,0%	7,8%	8,7%

Refira-se ainda que os indivíduos com um diploma de licenciatura ou de 1º ciclo superior (82,1%) representavam uma parte substancial do “desemprego diplomado” em outubro de 2014, enquanto os detentores de um diploma de mestrado ou 2º ciclo representavam 13,3% (Quadro 6) deste desemprego, mas com a particularidade de estarem a aumentar face aos anos anteriores, sendo expectável que se tornem num grupo maior no decorrer dos próximos anos, se a tendência de desemprego não se alterar.

Quadro 6

"Desemprego Superior" IEM	Out 2014	
1º Ciclo	1913	82,1%
2º Ciclo	309	13,3%
3º Ciclo	1	0,0%
Outro	107	4,6%
total	2330	100,0%

A progressão dos desempregados com 2º ciclo não será alheia à condição de refúgio que esta formação tem vindo a adquirir, não só devido à filosofia de Bolonha, mas também devido ao facto de assemelhar-se a uma escapatória disponível para os diplomados de 1º ciclo superior, que através do ingresso num curso de 2º ciclo retardam o ingresso no mercado de emprego e evitam situações de desemprego imediato.

4.1 - Os licenciados e os diplomados de 1º ciclo superior pela Universidade da Madeira (UMa)

O escrutínio da proveniência formativa dos licenciados e diplomados de 1º ciclo superior na Madeira é uma tarefa inevitável para a compreensão da situação desta população desempregada, mas o apuramento da proveniência formativa é um exercício que remete para a própria avaliação do impacto da ação formativa da UMa na estrutura do “desemprego superior” registado na

Madeira pelo IEM. Falar de desemprego diplomado na Madeira é, pois, sinónimo de colocar em evidência a atividade formativa da UMa.

Convém referir que os contornos desta realidade nem sempre tem sido óbvios. A atividade formativa da UMa tende a diluir-se, com facilidade, no âmbito de um fenómeno maior, na medida em que os licenciados e os diplomados de 1º ciclo são também provenientes de outras Instituições de Ensino Superior (OIES) e não são só resultado da atividade formativa da UMa.

Todavia, tendo por referência a oferta formativa do ano letivo 2013/2014 da UMa e sabendo que esta não sofreu grandes variações nos últimos anos, foi-nos possível encetar uma tentativa de ponderação sobre o impacto da ação formativa da UMa na formação do “desemprego diplomado”, ou seja, identificar e apurar qual o peso dos diplomas de 1º ciclo superior ou de licenciatura atribuídos pela UMa (Quadro 7)¹⁰.

Quadro 7

"Desemprego Superior" IEM UMa vs OIES Out 2014		UMa		OIES	
1º Ciclo	1913	875	45,7%	1038	54,3%
2º Ciclo	309	103	33,3%	206	66,7%
3º Ciclo	1	0	0,0%	1	100,0%
Outros	107	5	4,7%	102	95,3%
total	2330				

Com base nesta abordagem foi possível concluir que dos 1.913 indivíduos detentores de um diploma de licenciatura ou de 1º ciclo superior que se encontravam desempregados em outubro de 2014, 875 (45,7%) eram diplomados provenientes da UMa, sendo os restantes 1038 indivíduos (54,3%) provenientes de outras IES¹¹. O mercado de emprego para diplomados ou licenciados de 1º ciclo na Madeira está sujeito ao efeito do retorno dos naturais da Madeira, após obterem os seus diplomas noutras paragens. Muitos desses diplomados regressam à Madeira para integrar o respetivo mercado de emprego, facto que nada tem de anormal, mas cujas implicações se confundem com o ímpeto da atividade formativa da UMa e articulam-se com a tão discutida adequabilidade da oferta formativa. Os motivos do retorno dos diplomados representa uma

¹⁰ A metodologia utilizada para proceder a este apuramento só foi possível com a colaboração do IEM, que nos facultou os elementos necessários dos “desempregados diplomados” inscritos, a partir dos quais foi possível verificar os diplomas que possuíam e as instituições que os atribuíram.

¹¹ Ao nível do desemprego dos indivíduos com um diploma de 2º Ciclo, o impacto da UMa era de 33,3% em outubro de 2014.

hipótese de investigação intacta e por explorar, visto que contém potencial explicativo para compreender as motivações ou os constrangimentos subjacentes à dimensão dos regressos à ilha.

4.2 – Desemprego por curso dos licenciados e dos diplomados de 1º ciclo superior pela Universidade da Madeira (UMa)

Com o impacto do retorno dos licenciados ou diplomados de 1º ciclo superior por IES que não operam na Madeira devidamente sinalizado, ficam garantidas as condições para melhor compreender o desemprego dos licenciados ou diplomados de 1º ciclo superior provenientes da UMa. A este propósito sabemos que entre 2006 e 2012 ocorreu um aumento (sistemático) do número de desempregados licenciados ou diplomados de 1º ciclo pela UMa (Quadro 8). Mesmo considerando o desagravamento observado em 2013, o número destes desempregados voltou a crescer em 2014, sendo possível particularizar algumas situação por curso.

Quadro 8

Desempregados diplomados (UMa + OIES) com 1º Ciclo ou equivalente (oferta formativa da UMa 2013/2014*)	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
1º Ciclo Arte e Multimédia	5	9	15	6	14	18	32	30	34
1º Ciclo Biologia	27	24	36	36	37	36	41	48	42
1º Ciclo Bioquímica	24	18	37	17	31	40	39	37	25
1º Ciclo Ciências da Cultura e 1º Ciclo Comunicação, Cultura e Organizações	17	25	44	39	59	97	152	98	149
1º Ciclo Ciências da Educação e Educação Básica	19	33	55	54	80	93	157	159	90
1º Ciclo Design e 1º Ciclo Design Media Interativos	9	16	27	40	40	59	73	83	91
1º Ciclo Economia	11	11	23	23	30	39	58	50	55
1º Ciclo Educação Física e Desporto	20	13	10	16	25	33	57	44	58
1º Ciclo Enfermagem	3	43	14	26	98	107	152	105	79
1º Ciclo Engenharia Civil	13	16	18	30	32	53	96	87	98
1º Ciclo Engenharia Eletrónica e Telecomunicações	2	3	2	7	13	6	14	7	18
1º Ciclo Engenharia Informática	10	13	14	10	20	52	66	37	52
1º Ciclo Línguas e Relações Empresariais	6	11	7	15	12	19	36	32	39
1º Ciclo Gestão	54	53	91	129	145	211	269	218	251
1º Ciclo Matemática	12	10	13	5	12	10	12	9	9
1º Ciclo Psicologia	25	27	23	37	27	39	45	35	49
	275	356	451	520	721	963	1376	1079	1139

* Alguns cursos sofreram alteração de designação no período 2006-2014.

Com base neste exercício é possível verificar como os diplomados dos cursos de Ciências da Cultura, Comunicação, Cultura e Organizações e Gestão representaram 35,1% do desemprego registado em 2014; e também vale a pena assinalar a existência de cursos em que diminuiu o número de desempregados, sendo mais expressivos os casos relativos às Ciências da Educação, Educação Básica e Enfermagem, embora tenham ocorrido outras diminuições: em Bioquímica e Biologia.

Todavia, mais do que focar nas leituras possíveis para o desemprego por curso, importa alertar para a empregabilidade condicionada de alguns cursos, sobretudo, dos que estão muito dependentes da atuação empregadora do Estado, num mercado de emprego como o da Madeira.

5 – Desemprego e escolaridade superior: um epílogo em curso

O desemprego dos licenciados e dos diplomados de 1º ciclo superior na Madeira remete-nos para um exercício, que acaba por colocar em evidência a relação entre (des)emprego e escolaridade, no decurso do qual são recorrentes fenómenos repletos de ambivalências e paradoxos. Contudo, este é um exercício que, no caso da Madeira, tanto possibilita inferir que quanto maior é o nível de escolaridade, maior é o crescimento do desemprego, mas também verificar como quanto maior o nível de escolaridade, maior é o crescimento observado na população ativa e na população empregada.

Assim, em vez de admitir a existência de dinâmicas lineares ou de representar o resultado de um exercício acabado, o desemprego dos licenciados e dos diplomados de 1º ciclo superior na Madeira é um assunto que diz respeito aos licenciados e aos diplomados, mas também às instituições que os formam, que tem vindo a deparar-se com exigências acrescidas, relativamente à empregabilidade dos cursos que lecionam e oferecem.

De qualquer modo, o desemprego dos licenciados e dos diplomados de 1º ciclo superior na Madeira é uma realidade muito concreta e sujeita aos constrangimentos de um autêntico enclave, que se estabeleceu entre uma população ativa mais escolarizada e sectária em termos de possibilidades de emprego, mas convergente com a diminuição do número de ativos empregados com um nível de escolaridade igual ou inferior ao 3º ciclo do ensino básico.

O desemprego diplomado na Madeira leva-nos, pois, para uma discussão multidimensional e que resvala para as hipóteses dos próprios percursos de vida dos licenciados e diplomados, sobretudo, se tivermos por referência as expectativas de mobilidade ascendente, regra geral, adstritas aos maiores níveis de escolaridade, mas que no contexto atual se deparam com estrangulamentos vários e consideráveis.

A vulgarização dos diplomas superiores no mercado e a substituição de ativos menos escolarizados por diplomados superiores, que têm estado a captar uma parte dos empregos

anteriormente detidos por indivíduos com níveis de escolaridade inferiores, embora sem que tal fenómeno seja garantia do efetivo enriquecimento dos postos de trabalho, são duas das razões que deixam intactas as perspetivas menos otimistas sobre os próximos tempos do (des)emprego, em particular, num mercado regional de emprego, pequeno, insular e ultraperiférico, bastante sensível às políticas públicas de emprego e à atuação empregadora do Estado.

Bibliografia

- Bauman, Zygmunt (1997), *O mal-estar da pós-modernidade*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores.
- Bauman, Zygmunt (2001), *Modernidade líquida*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores.
- Beck, Ulrich (2002), *Liberdade ou capitalismo*, São Paulo, Editora UNESP.
- Beck, Ulrich (2003), *La société du risque*, Paris, Champs Flammarion.
- Boltanski, Luc & Chiapello, Ève (1999), *Le nouvel esprit du Capitalisme*, Paris, Gallimard.
- Luttwak, Edward (2000), *Turbocapitalismo*, Lisboa, Temas e Debates.
- Plihon, Dominique (2003), *O Novo Capitalismo*, Lisboa, Campo da Comunicação.
- Rodrigues, R. F., Sobral, F. & Lopes, S. (2014), “Indícios e Evidências da Transformação do Emprego em Portugal (2005-2013)” in *Atas do VIII Congresso Português de Sociologia*, Évora, APS, ISBN 978-989-97981-2-0
- Rodrigues, R. F.. (2015), “Dados e reflexões sobre o mercado de emprego da Madeira (2005-2013)” in *Atas do I International Meeting of ISSOW*, Lisboa, APSIOT. ISBN 978-989-95465-5-4
- Rodrigues, Ricardo Fabrício (2011), *A empresarialização da sociedade sob a influência da racionalidade da gestão*, in *Sociologia*. Vol. XXI (pp.233-256), Porto, FLUP. ISSN 0872-3419
- Sallaz, Jeffrey (2013), *Labor, Economy and Society*, Cambridge, Malden Polity.
- Sennet, Richard (2000), *A corrosão do carácter. As consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*, Lisboa, Terramar.
- Sennet, Richard (2006), *The culture of the New Capitalism*, New Haven & London, Yale University Press.